

MELISSA VIVACQUA

**O MARXISMO E A GLOBALIZAÇÃO DO AMBIENTALISMO**

MONOGRAFIA DE BACHARELADO

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Mariana, 2002.

MELISSA VIVACQUA

**O MARXISMO E A GLOBALIZAÇÃO DO AMBIENTALISMO**

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em História. Orientador: Prof. Dr. Fábio Faversani.

DEPARTAMENTO DE HISTORIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO  
PRETO

Mariana, 2002.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos amigos que me apoiaram e me incentivaram , dentre os quais destaco: Pedro, Julho e Gabi. Também agradeço ao Fábio por sua excelente orientação durante o desenvolvimento da pesquisa, assim como pelo seu bom humor e paciência.

Não poderia deixar de prestar meus agradecimentos ao Prof. Guilherme Foladori, por suas resenhas e textos enviados, o que contribuiu imensamente para a realização deste trabalho.

Enfim, dedico especial agradecimento ao Beto, por me "suportar" nos momentos de stress e cansaço, demonstrando, assim, todo o seu carinho por mim; ao meu irmão Luciano e aos meus pais, pessoas tão queridas e importantes em minha vida.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	05
2	O <i>MANIFESTO COMUNISTA</i> EA GLOBALIZAÇÃO DO CAPITALISMO	08
3	O CARÁTER GLOBALIZANTE DA CRISE AMBIENTAL	19
4	A ORIGEM DAS ONGS E SEUS LIMITES	29
5	A ATUAÇÃO DAS ONGS AMBIENTALISTAS NO BRASIL	39
6	CONCLUSÃO	55
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58
8	ANEXOS	62
8.1	ANEXO 1: QUESTIONÁRIO MATER NATURA	
8.2	ANEXO 2: QUESTIONÁRIO CONSERVATION INTERNATIONAL-BRASIL	
8.3	ANEXO 3: QUADRO TIPOLOGIA DO PENSAMENTO AMBIENTALISTA	

## INTRODUÇÃO

A escolha do tema resulta de uma série de indagações sobre a problemática ambiental que foram surgindo no decorrer da minha graduação em História. Presencia-se atualmente um intenso ritmo de degradação ambiental, nunca visto em toda a história da humanidade, e, em meio à diversidade de ideologias que se propõem a analisar e a solucionar a problemática ambiental, notamos a ausência de uma apropriação da tradição marxista nesse debate. No entanto, foi justamente no estudo do pensamento marxiano que pudemos encontrar uma base sólida para refletir/discutir sobre a relação do capitalismo com a crise ambiental!

A proposta principal dessa pesquisa é refletir acerca dos possíveis limites da atuação das Organizações Não-Governamentais no interior do Movimento Ambientalista, que, muitas vezes, buscando apoio exclusivamente na sociedade civil, acabam por subestimar outras arenas societárias, como o Estado e o mercado. Deste modo, essa postura acaba por impossibilitar a realização de uma crítica mais sistemática do capitalismo como fonte estrutural dos problemas ambientais. Essa crença exacerbada na capacidade de transformação através da sociedade civil levou os ambientalistas a ignorarem — antes de rejeitarem — a teoria marxista, uma vez que essa centra sua atenção nos campos estruturais que são desacreditados pelas ONGs.

Esta pesquisa está estruturada de modo a levar-nos a compreender primeiramente, as condições singulares em que a sociedade humana relaciona-se entre si e com a natureza no sistema capitalista. Durante o desenvolvimento do texto, a análise do capitalismo, realizada à luz da teoria marxista, revela suas contradições intrínsecas, de modo a possibilitar a compreensão das tensões dialécticas características da modernidade.

A monografia está dividida em quatro capítulos. No primeiro, realizamos a análise das contradições do capitalismo a partir d'O *Manifesto do Partido Comunista*<sup>1</sup>, de Marx e Engels, uma vez que esta contém os princípios gerais que nos permitem compreender a globalização<sup>2</sup> do capitalismo e os problemas derivados desse fenômeno. O *Manifesto Comunista* apresenta, ainda, — de forma sintética — toda a profundidade e atualidade do pensamento de Marx. Examinamos a lógica do sistema capitalista, o processo de globalização das relações burguesas de produção, assim como suas implicações na esfera social. A análise desenvolve-se de modo a esclarecer a tendência peculiar do capitalismo em promover a desigualdade social, impedindo que a maior parte da população tenha acesso aos bens produzidos.

No capítulo 2. "O Caráter Globalizante da Crise Ambiental", partindo da abordagem apresentada anteriormente, relacionamos os efeitos globais do capitalismo com os prejuízos causados ao meio ambiente, demonstrando como a

---

<sup>1</sup> MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Coleção: Clássicos do Pensamento Político. Editora Vozes. Petrópolis, 1988.

<sup>2</sup> Preferiríamos utilizar o termo mundialização em lugar de globalização para distinguir o debate que fazemos aqui, ligado à percepção de Marx do desenvolvimento mundial do capitalismo, evitando confusões com a discussão mais recente que inclui vários fenômenos no mesmo rótulo "globalização". Mas, por mundialização não ser dicionarizado, abandonamos

disseminação do capitalismo e de sua lógica de produção por todo o planeta está intimamente ligada ao caráter global da degradação ambiental contemporânea.

No terceiro capítulo, analisamos o processo de fortalecimento da sociedade civil e a emergência das ONGs ambientalistas. Procuramos também elucidar a inter-relação dos problemas ambientais com outras questões estruturais, como as que envolvem o mercado e o Estado. Destacamos também os limites das possibilidades de superação dos problemas atacados pelas ONGs a partir apenas de seu investimento no fortalecimento das pressões geradas pela sociedade civil para regular o mercado e o Estado capitalistas.

Por fim, no quarto capítulo produzimos uma análise do material empírico coletado por nós através de questionários respondidos por duas ONGs: o Mater Natura — Instituto de Estudos Ambientalistas — e a Conservation International — Brasil.

---

essa possibilidade, pois, para utilizá-la, precisaríamos desenvolver um debate conceitual mais aprofundado à luz da bibliografia disponível. Essa conceituação escaparia ao objetivo e escopo do presente trabalho.

## CAPÍTULO 1

### O MANIFESTO COMUNISTA E A GLOBALIZAÇÃO DO CAPITALISMO

Durante nossa primeira leitura do *Manifesto Comunista*, mais precisamente, o Cap.I: Burgueses e Proletários, nos surpreendíamos com as palavras que Marx dedicava a enaltecer a burguesia:

*"Foi a primeira a mostrar o que pode realizar a atividade humana. Criou maravilhas que nada têm a ver com as pirâmides do Egito, os aquedutos romanos e as catedrais góticas: realizou expedições muito diversas das migrações dos povos e das Cruzadas."*<sup>3</sup>

Qual seria, então, o grande mérito da burguesia? Sem dúvida, sua inigualável capacidade de promover o desenvolvimento das forças produtivas, livrando a sociedade dos entraves impostos pelo sistema feudal. Mais uma vez na história, as relações de propriedade não correspondiam ao nível de desenvolvimento da técnica e à divisão do trabalho social. Era preciso romper os etos da corrente do atraso, de modo a adequar as relações sociais ao desenvolvimento das forças produtivas.

*"Em seu domínio de classe de apenas cem anos, a burguesia criou forças produtivas mais poderosas e colossais do que todas as gerações passadas em conjunto. Subjugação das forças da natureza, maquinaria, aplicação da química na indústria e na agricultura, navegação a vapor, ferrovias, telégrafo elétrico, arroteamento de*

---

<sup>3</sup> MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Coleção: Clássicos do Pensamento Político. Editora Vozes. Petrópolis, 1988, p.69.

*continentes inteiros, navegabilidade dos nos, populações inteiras brotadas do solo como que por encanto...”*<sup>4</sup>

As novas relações de produção provocaram, sobretudo, mudanças na realidade sociohistórica da Europa ocidental: liberação do potencial e da atividade humanas para o trabalho e para as crescentes necessidades criadas pela economia capitalista. O mundo burguês, impulsionado por suas contradições, encontra-se em revolução permanente, sob constante influência de valores edificados em pilares de areia movediça. A instabilidade, a ansiedade, o conflito interno, tomam conta do cotidiano das pessoas, que, vivenciando o seu dia-a-dia, já não podem prever qual será o próximo passo a seguir. *"Todas as relações fixas e cristalizadas, com seu séquito de crenças e opiniões tornadas veneráveis pelo tempo, são dissolvidas, e as novas envelhecem antes mesmo de se consolidarem."*<sup>5</sup>

Em sua publicação "Princípios do Comunismo"<sup>6</sup> Engels elucida o caráter dialético da produção em larga escala e liberação dos indivíduos no mercado; possibilitada pela grande indústria, e seu suposto potencial de criar condições favoráveis para que cada indivíduo possa *"desenvolver e exercitar com absoluta liberdade todas as suas energias e aptidões."*<sup>7</sup> A satisfação das necessidades

---

<sup>4</sup> MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Coieção: Clássicos do Pensamento Político. Editora Vozes. Petrópolis, 1988, p.71.

<sup>5</sup> Ibidem. p.68.

<sup>6</sup> Redigido em outubro de 1947, Os *Princípios do Comunismo* serviu de base para a elaboração d'0 *Manifesto Comunista*.

<sup>7</sup> ENGELS, Friedrich. Princípios do Comunismo. In: *Manifesto do Partido Comunista: Clássicos do Pensamento Político*, Petrópolis: Editora Vozes, 1988. p.111.

criadas é frustrada na medida em que o trabalho gera mais-valia e o proletariado tem acesso limitado a esses bens.

A natureza do trabalho é drasticamente modificada, de modo a perder o seu vínculo com as necessidades sociais. Diferentemente das sociedades anteriores, na sociedade capitalista o produto do trabalho não reflete as aspirações imediatas da população como um todo: o mercado passa a ser o grande mediador da produção. O produto do trabalho, que a partir de então toma forma de mercadoria, é algo exterior ao trabalhador. Este se torna um apêndice da máquina. Sua tarefa diária junto ao maquinário na fábrica resume-se a movimentos repetitivos, castradores da criatividade individual e desenvolvimento das faculdades físicas e intelectuais humanas. Os talentos e habilidades individuais são simplesmente massacrados na medida em que não são úteis para o mercado e não contribuem para a acumulação do capital: o livre desenvolvimento de todos torna-se impossível dentro da *lógica* do sistema capitalista. A satisfação das "insaciáveis" necessidades e desejos humanos é privilégio para a minoria. Nas palavras de Marx:

*" (a burguesia) fez da dignidade pessoal um simples valor de troca e no lugar das inúmeras liberdades já conhecidas e duramente conquistadas colocou unicamente a liberdade de comércio sem escrúpulos. Numa palavra: no lugar da exploração mascarada por ilusões políticas e religiosas colocou a exploração aberta, despudorada, direta e árida."<sup>8</sup>*

Sob o capitalismo, a apropriação da natureza pelo homem converte-se, pura e simplesmente, em propriedade privada dos meios de produção. Sem acesso à terra, aos instrumentos de trabalho, o proletariado não tem outra opção

---

<sup>8</sup> Princípios do Comunismo, pág. 68.

senão a de vender sua força de trabalho — mercadoria como outra qualquer — ao capitalista, detentor dos meios de produção. Na medida em que há um aumento da produção, seja pelo desenvolvimento do aparato tecnológico ou pelo aumento da jornada de trabalho, o abismo socioeconômico entre o burguês e o proletário aprofunda-se. “ *A subjugação das forças da natureza, a maquinaria, aplicação da química na indústria e na agricultura ...*”<sup>9</sup> e tantas outras fantásticas invenções da modernidade, proclamadas e enaltecidas por Marx e Engels n’O *Manifesto Comunista*, aplicadas sob a lógica do sistema capitalista, acabam por intensificaras desigualdades sociais, como destacam os autores.

Avançando em nossa análise acerca das contradições intrínsecas do capitalismo, podemos fazer o seguinte questionamento: mas de onde advém o lucro extraído da venda das mercadorias? Como observa Marx, o lucro do capitalista é retirado única e exclusivamente da força de trabalho humano, criadora da mais-valia. Ao vender sua força de trabalho, o proletário recebe como pagamento o valor necessário para reproduzi-la, ou seja, o equivalente aos gastos necessários para a sua subsistência e de sua família. Como a jornada de trabalho extrapola o tempo socialmente necessário para a subsistência do operário: há uma produção de excedente que é acumulada pelo empregador. A força de trabalho humano converte-se, então, na única mercadoria a produzir um valor maior do que o dela mesma, de modo que o trabalho excedente — o tempo em

---

<sup>9</sup> MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Coleção: Clássicos do Pensamento Político, Editora Vozes. Petrópolis, 1988, p.71.

que o trabalhador produz de graça para o capitalista — é incorporado ao valor da mercadoria produzida, incrementando, assim, o capital<sup>10</sup>.

O desenvolvimento desenfreado das forças produtivas tende a acentuar o caráter de exploração da força de trabalho humano na medida em que torna possível a aceleração da produção e a baixa dos preços das mercadorias, intensificando a extração da mais-valia relativa. *"A burguesia não pode existir sem revolucionar continuamente os instrumentos de produção(...)"*<sup>11</sup>. Por outro lado, Marx indica que essa tendência ao aumento do lucro individual acaba por comprimir a finalidade última do capital: a taxa média de lucro. Este processo torna-se inevitável, uma vez que a livre concorrência leva o capitalista a uma busca incessante de lançar sua mercadoria pelos melhores preços no mercado, e ao mesmo tempo, garantir um lucro substancial.

O acirramento da concorrência em escala mundial, decorrente do processo de intensificação da produção, impulsiona a burguesia a penetrar com seus produtos e seus valores monetários em todo o planeta, a conquistar novos mercados, a conectar tribos, povos e nações por meio da globalização econômica do capitalismo, levando a modernidade a regiões até então esquecidas pelo tempo. *" Assim como subordinou o campo à cidade, subordinou os países bárbaros aos países civilizados, os povos camponeses aos povos burgueses, o Oriente ao Ocidente."*<sup>12</sup> Estas palavras escritas por Marx e Engels n'*O Manifesto Comunista*

---

<sup>10</sup> COGGIOLA, Osvaldo. *Introdução a teoria econômica marxista*. São Paulo: Viramundo, 1998, p.34.

<sup>11</sup> MARX & ENGELS. 1988, p.69.

<sup>12</sup> *ibidem*. p.70.

revelam uma visão ainda pouco crítica a respeito do papel civilizador dos países europeus colonizadores, distinguindo claramente "países bárbaros" de "países civilizados" . isto se deve, por um lado, à influência marcante de uma visão de mundo típica do século XIX, em que a idéia de progresso assume uma conotação otimista, e, por outro, pelo fato de a expansão burguesa possibilitar a introdução e desenvolvimento do capitalismo em âmbito planetário, o que criaria condições favoráveis para a eclosão da revolução socialista mundial.

Em *Princípios do Comunismo*, Engels assinala a impossibilidade de a revolução ocorrer em um só país, devido à interdependência entre as economias do planeta e o grau similar de desenvolvimento social nos países civilizados, proporcionados pelo processo de globalização. *"Através da exploração do mercado mundial, a burguesia deu um caráter cosmopolita à produção e ao consumo de todos os países"*<sup>13</sup>. Um outro aspecto que demonstra o caráter eurocêntrico da visão dos autores é a previsão da ocorrência da revolução especialmente na Europa. *"(...) a revolução comunista não será uma revolução apenas nacional, mas ocorrerá simultaneamente em todos os países civilizados, quer dizer pelo menos na Inglaterra, na América, na França e na Alemanha."*<sup>14</sup> A primazia europeia, então, se reafirmaria com o socialismo. O continente seria o pólo difusor da nova ordem para o mundo. Ao elaborar esta afirmativa, Engels considerou sobretudo: o alto nível de desenvolvimento do capitalismo nestes países, em que os antagonismos entre o proletariado e a burguesia estão mais acirrados, proporcionando condições mais propícias para o fomento da revolução

---

<sup>13</sup> MARX & ENGELS. 1988, p.70.

socialista. As contradições dos países atrasados e das colónias seriam resolvidas, por sua vez, como consequência da vitória do proletariado nas metrópoles capitalistas.<sup>15</sup>

Estas questões acerca das limitações intrínsecas *aO Manifesto Comunista* devem ser compreendidas a partir de algumas particularidades do contexto de produção da obra. Um ponto relevante a ser discutido é o processo de revisão do conceito de "progresso" e "desenvolvimento" a que estudiosos da civilização ocidental moderna se propõem atualmente, relacionando-o também à visão marxiana do mesmo durante o século XIX.

Mesmo influenciado pela produção intelectual de sua época, que atribuía linearidade ao caminhar histórico, a proposta marxiana apresenta-se extremamente revolucionária devido ao método dialético aplicado à análise da sociedade. Sua inovação está justamente em negar a linearidade, atribuindo à contradição o movimento peculiar de cada sociedade: ao identificar o aumento da produtividade do trabalho humano e o progresso tecnológico como um avanço, em contrapartida, detectava sua interface negativa, revelada nas relações sociais. O desenvolvimento da natureza e da sociedade realiza-se por meio de "saltos" e revoluções, por movimentos bruscos que levam à superação da etapa anterior. Para Marx, tudo está impregnado de sua própria negação e superação. Portanto, o sistema capitalista está fadado ao desaparecimento, devendo, pois. Ser

---

<sup>14</sup> Princípios do Comunismo, p.103.

<sup>15</sup> Os noventa anos do Manifesto do Partido Comunista. In: LENIN. TROTSKY. A Questão do Programa. São Paulo; Kayrós Livraria e Editora LTDA, 1979, p.11 Como aponta Trotsky, "o mérito de haver desenvolvido a estratégia revolucionária dos povos oprimidos é, sobretudo, de Lênin", que propôs a tese do "elo mais fraco" e não de Marx e Engels.

superado por outro sistema que adeque as relações sociais ao desenvolvimento das forças produtivas.

A concepção de progresso linear, evolucionista e gradualista também passa a ser questionada pela sociedade moderna no século XX. Mudanças globais na realidade objetiva da sociedade humana geram a necessidade de se rever esta concepção profundamente arraigada na cultura ocidental desde o século XVII, com o advento do iluminismo.

A idéia de progresso e desenvolvimento associada a inovações tecnológicas, modernização e novas possibilidades de invenção humana criaram expectativas a respeito da vivência de um futuro próspero, melhor do que o presente e o passado. No entanto, em pleno século XXI, presenciamos uma realidade distante de tais expectativas, colocando em xeque a utopia de desenvolvimento: o aumento da produção e consumo em larga escala — sob a lógica do sistema capitalista — possibilitados pela introdução de novas tecnologias acaba por desaguar na crise ambiental. Os benefícios econômicos proporcionados pela modernização são acompanhados por prejuízos aos recursos naturais, os quais podem vir a tornar-se um empecilho ao próprio crescimento da economia capitalista<sup>16</sup>.

Estudiosos contemporâneos do mundo inteiro passaram então, a atribuir um sentido negativo à ideia de progresso, uma postura que está relacionada com a

---

<sup>16</sup> Um outro fator de crítica à ideia de progresso está relacionado ao fato de que o crescimento econômico gerou vantagens distribuídas desigualmente. Assim, quanto mais cresceu a riqueza, verificou-se que as populações em situação de miséria cresceram exponencialmente, em função da difusão do capitalismo e quebra de outras relações sociais de produção, que priorizavam a subsistência em lugar do lucro. Nossa ênfase recai sobre o aspecto ambiental, nessa Monografia, em função do objeto escolhido para análise.

mudança de paradigma da ciência, mais precisamente, da física quântica, que a partir de meados do século XX rompe com o modelo newtoniano mecanicista e determinista. Esta quebra de paradigma vem a abrir um leque de possibilidades e tendências, uma vez que o imprevisível passa a ter relevância não só nas ciências exatas e biológicas, como também nas ciências sociais, económicas e políticas.<sup>17</sup>

Essa nova concepção vem à tona na emergência da crise ambiental contemporânea, colocando em discussão a tendência unilateral positiva — herdeira da utopia de progresso. O movimento ambientalista adverte para a possibilidade de um futuro nada glorioso, em que até mesmo a perpetuação da vida no planeta estaria ameaçada. Esta crise se manifesta em âmbito global e diversos estudos têm sido realizados com o intuito de identificar suas possíveis causas e propor soluções. Além disso, líderes governamentais, ONGs e cientistas do mundo inteiro passam a se reunir periodicamente a fim de discutir os problemas relativos à crise ambiental. A partir de 1972, as questões ambientais assumem caráter oficial, sendo tema da Primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, em Estocolmo, onde se tratou basicamente do controle da poluição do ar e da água. Porém, somente na Conferência Mundial para o Meio Ambiente, a Eco 92, realizada no Rio de Janeiro, é que há um compromisso dos países participantes com o desenvolvimento sustentável, aliando desenvolvimento económico e preservação dos recursos naturais. Firma-se também o Tratado da Biodiversidade e o acordo para a eliminação gradual dos CFCs. Enfim, em

---

<sup>17</sup> Cf. FOLADORI, Guillermo. "Entre a complexidade e a dialética da natureza. Voltando as pegadas de Engels" datiloscrito, s/d. 7 pp.

meados do ano 2002 acontecerá a Conferência Rio. +10, que realizará um balanço dos acordos já firmados.

No entanto, a Rio +10, que deveria ser um coroamento desse processo de consolidação internacional de controles do mercado no que se refere aos danos ambientais não tem sido cercada de uma expectativa muito positiva. Esse pessimismo se explica pela constatação de que, nos últimos anos, os países centrais, em especial os Estados Unidos tendem a refutar os esforços preservacionistas/conservacionistas, notadamente no que se refere aos controles de emissão de poluentes. Diminuir a poluição significa frear a economia. Isso contraria os interesses dos países centrais do capitalismo.

A análise marxiana do sistema capitalista é de fundamental importância para compreendermos a natureza da crise ambiental contemporânea, assim como as dificuldades encontradas em sua resolução. Diferentemente das sociedades pré-capitalistas, em que a produção era fundamentalmente de valores de uso, no sistema capitalista, a forma-valor assume um duplo caráter: valor de uso e valor de troca. Esta mudança no sistema mercantil elucidada o potencial peculiar de destruição e esgotamento dos recursos naturais do capitalismo. Sociedades que antes viviam de maneira sustentável, produzindo segundo suas necessidades, ao serem inseridas no mercado passam a produzir dentro da lógica de expansão permanente e ilimitada — valores de troca —, visando à obtenção de um lucro crescente. A globalização das relações burguesas de produção e de troca é, então, o fundamento da problemática ambiental contemporânea.

Como já apontava Marx em *O Manifesto Comunista*, o aumento desenfreado da produção capitalista em escala mundial leva à ocorrência

periódica da crise de superprodução: *"A sociedade vê-se repentinamente reconduzida a um estado de barbárie momentâneo; é como se a situação de miséria ou uma guerra geral de extermínio houvessem suprimido todos os meios de subsistência (...)"*<sup>18</sup> No entanto, o sistema nutre-se dessas crises cíclicas, ressurgindo de seus próprios escombros com todo o ímpeto.

O desperdício de alimentos e de mercadorias produzidas em geral é notável nos momentos de crise comercial, *"em que é destruída regularmente uma grande parte não só dos produtos fabricados, como também das forças produtivas já criadas."*<sup>19</sup> Este comportamento, que em um primeiro momento aparenta incoerência com a dinâmica do sistema capitalista, pode ser explicado pela necessidade de reconstituição da taxa de lucro. O capital excedente gerado pela "epidemia da superprodução" precisa ser eliminado a fim de conter a tendência, intrínseca ao capitalismo, de diminuição da taxa de lucro, de modo a possibilitar a obtenção de uma taxa de lucro aceitável pelo mercado.<sup>20</sup> Por outro lado, a burguesia vence tais crises *"através da conquista de novos mercados e da exploração mais intensa dos antigos"*<sup>21</sup>, o que fomenta o caráter globalizante da economia capitalista, assim como a divisão do mundo em centro e periferia.

Para Marx, a contraposição ao capitalismo em âmbito internacional viria do movimento proletário, *"o movimento independente da imensa maioria no interesse*

---

<sup>18</sup> MARX & ENGELS. 1988, p.71.

<sup>19</sup> Ibidem. p.71.

<sup>20</sup> COGGIOLA, Osvaldo. *Introdução à teoria económica marxista*. São Paulo: Viramundo, 1998.

<sup>21</sup> MARX & ENGELS, op. cit. p.72.

*da imensa maioria*<sup>22</sup> Contudo, percebe-se na atualidade que esse prognóstico não se realizou e os movimentos ambientalistas figuram como contestadores quase que exclusivos de certos efeitos do capitalismo em esfera planetária.

---

<sup>22</sup> COGGIOLA 1998, p.77.

## CAPITULO 2

### O CARÁTER GLOBALIZANTE DA CRISE AMBIENTAL

Iniciaremos este capítulo discutindo dois aspectos da destruição ambiental:

1) Como tem sido destacado por entidades ambientalistas, certos danos não conhecem fronteiras (emissão de gases, chuva ácida, destruição de florestas tropicais, efeito estufa); 2) outros danos, de caráter local, por serem resultado da expansão do sistema capitalista, não são tão locais quanto podem parecer à primeira vista, uma vez que eles são a replicação multiplicada em larga escala de um mesmo e único problema planetário: a expansão do capitalismo e de sua lógica de produção.

Nos países em que o capitalismo encontra-se mais desenvolvido, pode-se observar uma maior concentração dos efeitos da crise ambiental que é nada mais do que um aspecto da “crise do sistema capitalista”. Nesses países, como já observavam Marx e Engels<sup>23</sup> há 150 anos, os efeitos maléficos do sistema capitalista estão mais acentuados e, portanto, mais explícitas suas contradições. No entanto, as consequências da dinâmica capitalista não se limitam ao centro

---

<sup>23</sup> No entanto, eles concentraram sua análise nos efeitos sociais dessas contradições, as quais podiam ser observadas na realidade europeia do século XIX.

econômico do mundo, atingindo também, e, em alguns aspectos em maior proporção, os países periféricos.

O agravamento e a disseminação global dos problemas ambientais decorrentes da relação do homem com a natureza pautada na expropriação dos recursos naturais visando o lucro acabam por intensificar a baixa qualidade de vida das populações dos países em que o capitalismo encontra-se menos desenvolvido. Como a lógica capitalista é acumuladora de riqueza, os danos ambientais são para todos e os ganhos decorrentes dessa destruição ficam com poucos, em especial nos países centrais. Assim, os danos ambientais em países periféricos vitimam as populações locais e enriquecem a burguesia dos países mais desenvolvidos.

Pode-se observar, atualmente, que a maior parte das reservas naturais existentes no planeta encontra-se na América do Sul<sup>24</sup>, uma região do globo composta por países periféricos, onde o capitalismo ainda não se desenvolveu a ponto de devastar totalmente seus recursos naturais, como é o caso da Floresta Amazônica. Por outro lado, a expansão do mercado leva a burguesia a extrair matéria-prima advinda das mais remotas porções do globo, devastando e explorando tanto os recursos naturais, quanto a mão-de-obra da população dessas regiões periféricas. Deste modo, esses recursos ou "reservas" naturais, existentes na atualidade, encontram-se prontas para ser utilizadas como matéria-prima no infundável processo de confecção de mercadorias. Frequentemente, a

---

<sup>24</sup> No final dos anos 80, a distribuição das reservas mundiais de florestas e selvas figurava-se da seguinte forma: *"por ordem, a maior proporção na América do Sul, seguida pela Europa, América do Norte, Ásia e, finalmente, África"*, cobrindo no total cerca de um quarto da superfície terrestre. MILNE, Antony. *O Novo Dilúvio: população, poluição e clima futuro*. São Paulo: Editora Gaia, 1991, p. 63.

mão-de-obra utilizada nessas atividades extrativistas, devastadoras do meio ambiente, é da própria população do entorno da região, que, expropriada dos meios de produção e sem opção de oferta de emprego, trabalha por salários miseráveis e em condições sub-humanas. Identifica-se aí o duplo caráter depredatório do sistema capitalista, que como bem observou Marx, viria a destruir as duas fontes da riqueza: o trabalho e a natureza.<sup>25</sup>

A crescente implantação de indústrias multinacionais em território dos países periféricos é um dos fatores que dificulta o controle dos danos ambientais. Muitas vezes, essas indústrias seguem normas muito mais rígidas em seu país de origem e a ausência de fronteiras para o capital mundial leva a uma crescente mobilidade desse aparato tecnológico, de modo que sua instalação se dê nos locais mais favoráveis à obtenção do lucro. A proibição local de instalação de determinadas indústrias ou atividades potencialmente prejudiciais ao meio ambiente não significa um empecilho ao funcionamento da mesma em outra região.

Percebe-se que países periféricos, carentes de oferta de emprego e com um nível de pobreza mais acentuado, captam investimentos estrangeiros graças a uma política ambiental mais frágil. Esses países aceitam a realização de atividades predatórias ao meio ambiente em nome de políticas de curto prazo. Essa alternativa é estratégica para o desenvolvimento capitalista, mas nefasta para a preservação ambiental, que, à medida que levante barreiras, causa migração da destruição e não sua supressão.

---

<sup>25</sup> APEL, Karl Otto. Estudos de Moral Moderna. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p.168.

Em síntese, as tentativas de controlar essas consequências danosas nos países centrais muitas vezes irão ao encontro de uma postura econômica desenvolvimentista, herdeira da ideia ao progresso, nos países periféricos. Desse modo, os bloqueios aos danos ambientais em países centrais promovem a expansão da lógica capitalista para novas áreas e acabam por não reduzir os danos ambientais ou os ganhos capitalistas. Pelo contrário, promovem a globalização de ambos.

A reação ao relatório Meadows ilustra bem o quadro exposto acima. Sob encomenda do Clube de Roma, em 1972, técnicos do MIT — Massachusetts Institute of Technology — elaboraram o relatório Meadows. Em linhas gerais, este relatório pretendia "relocalizar" o capitalismo em escala mundial e propunha a ideia de "crescimento zero". O relatório foi duramente criticado pelos países do então chamado Terceiro Mundo. Liderados pelo Brasil, vários países do periféricos formaram um bloco de oposição às propostas de "crescimento zero", contidas neste relatório. O principal argumento do bloco de oposição era que a aceitação de tal proposta implicaria necessariamente no congelamento das desigualdades sociais. Esta postura revela, por sua vez, a concepção de que o desenvolvimento econômico resolveria o problema da pobreza e distribuição de renda, o que mantém vários países periféricos subordinados ao modelo de desenvolvimento ditado pelas potências mundiais na expectativa de um futuro próspero.

A globalização da economia capitalista implicou numa diminuição relativa do espaço mundial e a inexistência de limites desse crescimento dificulta a resolução do problema de devastação ambiental a nível regional. A ocorrência local de danos ambientais dissemina-se por todo o globo terrestre.

Essa diatética entre a propagação de um sistema que gera danos ao ambiente e a repercussão de danos locais em escala planetária levou, como vimos, à realização de acordos internacionais, fruto de crescente pressão da sociedade civil, orquestrada pelas ONGs ambientalistas, visando a busca de soluções e alternativas eficazes à problemática ambiental dentro do contexto de expansão do capitalismo no pós-Segunda Guerra Mundial, sobretudo.

O Protocolo de Kyoto simboliza os limites de tais esforços. Em 1992, a Convenção sobre Mudanças Climáticas apontava para a necessidade de controle da emissão de gases poluentes, uma vez que as ONGs demonstravam seus efeitos danosos à vida no planeta (efeito estufa, aquecimento global e elevação do nível das águas do mar, etc). Essa demonstração serviu para criar uma forte pressão sobre os governos de diversos países, que foram instados a controlar as atividades poluentes. No entanto, nenhuma mudança mais expressiva ocorreu, em função dos interesses econômicos que se sobrepuseram às questões ambientais. Afinal, menos emissão de gases poluentes significa menor produção e, em consequência, redução dos lucros e dos empregos.

A pressão promovida pelas ONGs segue crescente. Para que fosse possível um acordo mais amplo e rígido, em 1997, representantes de 160 países assinaram o Protocolo de Kyoto, um acordo internacional para a redução da emissão de gases poluentes, visando minimizar os danos ambientais do efeito estufa. Inicialmente, foram estipuladas metas a fim de se tentar alcançar, nos países industrializados, uma redução de 5,2% na emissão de seis gases entre 2008 e 2012. Porém, os empecilhos encontrados para a realização de acordos na

Convenção de Mudanças Climáticas permanecem. Durante as últimas negociações em torno do Protocolo de Kyoto houve grandes dificuldades na ratificação do Protocolo, uma vez que os Estados Unidos, maior emissor dos gases causadores do efeito estufa, negavam-se em cumprir o acordo em função de seus interesses econômicos.

Quando se pensa em casos isolados de tentativas de reconciliação dos interesses do capital com a preservação ambiental, o mesmo quadro se revela. A almejada ISO 14001<sup>26</sup> é um exemplo dessa situação. A elaboração de normas ambientais para implantação e funcionamento de indústrias e outros empreendimentos que desenvolvam atividades potencialmente prejudiciais ao meio ambiente é resultado da tentativa de minimizar o modo destrutivo de uso dos recursos naturais, sob uma perspectiva que procura reconciliar desenvolvimento econômico e preservação ambiental, em que o mercado é considerado um "meio eficaz" para assegurar o equilíbrio socioambiental do planeta. No entanto, essas medidas revelam-se ineficientes, uma vez que se limitam a insuficientes ajustes no mercado capitalista, que, por serem apenas ajustes, não alteram a lógica destrutiva desse mesmo mercado.

O resultado combinado de pressões da sociedade civil e resistência do mercado é resumido por cientistas e ambientalistas do mundo inteiro, que alertam

---

<sup>26</sup> A Internacional Organization for Standardization (ISO) é uma federação mundial composta por 130 membros de entidades nacionais de normalização, sendo um membro de cada país associado. Criada em 23 de fevereiro de 1947, sua missão é promover o desenvolvimento da normalização mundial com o objetivo de facilitar o comércio internacional de bens e serviços e desenvolver a cooperação de atividades científicas, tecnológicas e econômicas. O trabalho da ISO resulta em acordos internacionais os quais são publicados como normas internacionais. A norma 14001: Sistemas de Gestão Ambiental - Especificação e diretrizes para uso "descreve os requisitos para certificação/registo e/ou autodeclaração do sistema de gestão ambiental de uma organização (...)." (NBR ISO 14001:1996).

a população para as possíveis modificações na biosfera terrestre provocadas pela relação da sociedade humana com a natureza na civilização contemporânea. O ambientalista americano Antony Milne, em sua obra *O Novo Dilúvio: população, poluição e clima futuro*<sup>27</sup> faz um estudo sobre como e porque o futuro aquecimento da Terra, ocasionado pela atuação do ser humano na natureza, provocará o derretimento das calotas de gelo e o "*provável impacto que isso terá sobre o Homem e seu meio ambiente*"<sup>28</sup> A inundação de comunidades inteiras nas áreas costeiras colocaria em xeque não só o sistema econômico capitalista, mas também a produção de alimento para a população mundial.

Embora a natureza tenha uma capacidade incrível de se autodepurar, a sociedade capitalista tem sobrecarregado o ecossistema com a excessiva produção de dejetos, de modo a gerar danos ambientais irreparáveis a médio e longo prazo. Substâncias extremamente tóxicas são lançadas diariamente em quantidades exorbitantes na biosfera terrestre e, como aponta Antony Milne, a inexistência de fronteiras na disseminação dos poluentes modernos é um dos fatores que elucidam a impossibilidade de resolução dos problemas ambientais localmente. "*Poluentes invisíveis sobem agora a alturas fenomenais e viajam grandes distâncias.*"<sup>29</sup>

A ausência de barreiras na disseminação dos efeitos da degradação ambiental - efeito estufa, desperdício de alimentos, aumento do buraco na camada de ozônio, efeito ilhas de calor, chuva ácida, *smog* fotoquímico<sup>30</sup> - está,

---

<sup>27</sup> MILNE, Antony. *O Novo Dilúvio: população, poluição e clima futuro*. Sao Paulo: Editora Gaia, 1991.

<sup>28</sup> Ibidem. p.15.

<sup>29</sup> Ibidem. p.49.

<sup>30</sup> Smog = mistura de névoa e fumaça.

por sua vez, intimamente ligada aos próprios efeitos da globalização da lógica do sistema capitalista. *"A produção capitalista, por conseguinte, não desenvolve a técnica e a combinação do processo social de produção senão socavando, ao mesmo tempo, as duas fontes de toda riqueza: a terra e o trabalho"*<sup>31</sup>

A tecnologia moderna, apontada por muitos estudiosos como uma das raízes da crise ambiental, não é um mal em si, porém, a sua utilização e desenvolvimento no capitalismo convertem-se em capital constante, o qual tende a ter uma crescente valorização, ao mesmo tempo em que comprime o capital variável, intensificando a exploração da força de trabalho humano. Tendo em vista a necessidade de um aumento permanente da produtividade devido às oscilantes pressões do mercado, o desenvolvimento do aparato tecnológico se dá de acordo com os interesses capitalistas de produção, que, por sua vez, em geral, não contabilizam a depredação e geração de dejetos poluidores do meio ambiente em suas planilhas. Quando o fazem, caracteriza-se um caso particular, voltado para ganhar competitividade no mercado, graças a um diferencial positivo frente aos consumidores que aprovam uma produção "limpa". Como se trata de um diferencial, não pode ser universalizado sob pena de perder seu valor. Além disso, pressupõe altos investimentos que só podem ser feitos por grandes corporações. As empresas periféricas e de países pobres não têm como atingir esse padrão em função da lógica desigual e concentradora do mercado capitalista.

---

<sup>31</sup> Texto Original: "La producción capitalista, por conseguinte, no desarrolla la técnica y la combinación del proceso social de producción sino socavando, al mismo tiempo, los dos manantiales de toda riqueza: *la tierra y el trabajado*" UJ/RX., Karl. *Bi Capital* Tomo I vol.2. Siglo XXI. México D.F. apud. FOLADORI, Guillermo. "La cuestión ambiental en Marx" datiloscrito, s/d. p.4..

Como foi elucidado no Capítulo I, o ritmo crescente de desenvolvimento das forças produtivas é uma característica peculiar do sistema econômico capitalista e, deste modo, faz-se relevante investigar mais atentamente algumas de suas implicações nas relações sociais de produção. O trabalhador, expropriado dos meios de produção, é obrigado a vender sua força de trabalho, ficando, então, à mercê do mercado, ou, mais especificamente, da instabilidade das ofertas de emprego. Além dessas considerações, a situação socioeconômica do trabalhador no atual sistema econômico possui um agravante: as opções de emprego tendem a ficar mais restritas na medida em que a tecnologia se desenvolve, uma vez que inúmeras funções realizadas pela força de trabalho humana passam a ser executadas pela máquina. Deste modo, pode-se perceber a tendência singular do capitalismo em promover o desemprego e a pobreza em todo o globo, impedindo que grande parte da população tenha acesso aos bens materiais produzidos.<sup>32</sup>

A generalização da pobreza, apontada muitas vezes como uma das causas da degradação ambiental, explicitada à luz de uma análise marxista, revela a face obscura das excludentes relações sociais de produção capitalista. Não se pode perder de vista a correlação entre o capitalismo, as desigualdades sociais geradas por ele de forma crescente e a degradação ambiental.

---

<sup>32</sup> FOLADORI, Guillermo. O capitalismo e a crise ambiental. IN: Revista do Instituto de Estudos Socialistas. Outubro, 2001, n<sup>o</sup> 5. p. 120.

## **Capítulo 3**

### **A origem das ONGs e seus limites**

As ONGs surgem no contexto de reafirmação da sociedade civil. No caso das questões ambientais, percebida a insuficiência de intervenções no campo do mercado, como as regulações e normações, e no campo do Estado, como acordos internacionais e legislação nacional, surge uma movimentação no campo da sociedade civil, caracterizada pela formação de grupos de pressão em torno de objetivos específicos. Esse caráter não sistêmico da sociedade civil, que é o "berço" das ONGs, talvez seja uma chave para explicar a pouca preocupação que a grande maioria delas dedica a uma crítica mais sistemática do capitalismo como fonte estrutural dos problemas ambientais e seu investimento em medidas paliativas e/ou reformistas.

As ONGs buscam promover constrangimentos para a ação do Estado em favor da defesa do meio ambiente e para o mercado com relação à sua expansão desordenada e destrutiva. Mas, sobretudo, o que se almeja, é a conscientização e ação articulada da própria sociedade buscando se autoregular contra as imposições estruturais do mercado e do Estado capitalistas que, como vimos,

tendem a negar os objetivos dos ambientalistas por conta de suas características intrínsecas.

Em meio à infinidade de atividades desenvolvidas pelas entidades ambientalistas, podemos observar na tabela abaixo a prioridade concedida à realização da educação ambiental, o que elucida a importância dada a necessidade da mudança de valores e atitudes para a construção de uma sociedade ecologicamente sustentável.

**TABELA: Atividades desenvolvidas nas instituições não-governamentais**

<b>Atividades desenvolvidas pelas ONGs</b>	<b>Porcentagem</b>	<b>Total</b>
Educação Ambiental	86,5%	627
Projetos com comunidades locais	58,5%	424
Campanhas de mobilização de op. pública	62,1%	450
Projetos de conservação	50,6%	367
Fiscalização ambiental	41,4%	300
Pesquisa e desenvolvimento	34,5%	250
Assessoria e consultoria técnicas	31,6%	229
Monitoramento ambiental	24,3%	176
Ecoturismo	23,2%	168
Administração de recursos naturais	11,7%	85
Fonte: Cadastro Nacional de Instituições Ambientais - Ecolista.		
Total de ONGs computadas = 725		

No entanto, a grande dificuldade encontrada não só pelas ONGs, mas também pelo sistema educacional, diz respeito à metodologia a ser utilizada na prática da educação ambiental.<sup>33</sup> De fato, a educação ambiental se resume à

---

<sup>33</sup> Para um estudo mais aprofundado a respeito da Educação Ambiental, ver: GRUN, Mauro. *Ética e Educação Ambiental: A conexão necessária*. Campinas: Editora Papirus, 1996. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

corriqueira abordagem a-histórica da crise ambiental. Não há a elaboração de uma crítica efetiva ao sistema capitalista como fonte estrutural da problemática ambiental contemporânea. Deste modo, os caminhos propostos para a sua superação, na maioria das vezes, acabam por passar uma visão que reconcilia conservação da natureza e desenvolvimento econômico capitalista. Basicamente, a educação ambiental se centra na prédica de comportamentos e atitudes "verdes" e na divulgação de ações e empresas "ecologicamente corretas", que, a um tempo, respeitam a natureza e se fazem economicamente mais rentáveis. Um exemplo que pode ser dado é o esclarecimento dos prejuízos causados pelo desperdício de água nas casas e os casos de empresas que, através da reciclagem, reduzem os resíduos e aumentam os lucros.

A educação ambiental, assim, isola os indivíduos e empresas como se não fizessem parte de estruturas sociopolíticas e não fossem constrangidas a fazê-lo. Busca-se convencer indivíduos e empresas que, se cada um fizer sua parte, os problemas ambientais de origem estrutural, ligados ao desenvolvimento do capitalismo, estariam resolvidos.

Os limites da atuação das ONGs podem ser melhor compreendidos a partir da análise marxiana da sociedade civil. Na tradição marxista, a sociedade civil é pensada como um momento da Sociedade. E esse momento não existiu sempre, mas é um produto da sociedade burguesa. A sociedade civil surge como resultado da libertação dos indivíduos das ordens do Antigo Regime, fruto, portanto, das revoluções burguesas e da expansão do capitalismo que foi destruindo mundialmente estruturas sociais diversas.

A tradição marxista divide as relações sociais, a grosso modo, em dois níveis: um estrutural (o das relações sociais de produção) e outro superestrutural (o do "Politischer staat"). O primeiro produziria uma distribuição desigual das vantagens aferidas com a produção para as diversas posições ocupadas pelos agentes no sistema produtivo. Essa desigualdade encontraria canais que preservassem e legitimassem essas desigualdades nos níveis superestruturais de interação social. As relações sociais superestruturais caracterizar-se-iam, assim, por serem cristalizações de vantagens aferidas que garantiriam sua reprodução.

O marxismo, portanto, procurou evidenciar que os indivíduos atuam não por sua simples e livre vontade, mas de acordo com sua posição nas relações de produção e conforme as regras ditadas pelo Estado. Essa ênfase no papel que as estruturas teriam para a ação individual acabou por esvaziar em Marx a análise de ações de pequenos grupos que não fossem orientados exclusivamente por constrangimentos estruturais<sup>34</sup>. Marx subvalorizou as possibilidades abertas pela atuação dos agentes na sociedade civil. E, peio que temos visto, os que atuam no campo da sociedade civil têm cometido o equívoco contrário: subvalorizar o papel que as estruturas têm quanto à determinação da ação dos agentes.

Contudo, no interior do marxismo, Gramsci indicou muito bem o fato de a sociedade civil ser um domínio decisivo na construção das agendas públicas, consensos, identidades e solidariedades que podem ser a base para diversas ações coletivas que transformem os níveis sistêmicos.

---

<sup>34</sup> Claro que aqui expomos a postura mandaria de forma simplificada, buscando produzir uma síntese que não faz justiça ao pensamento de Marx. Obras como *O 18 do Brumário* e diversas passagens de *O Capital*, mostram que Marx percebia também que os indivíduos podiam e realizavam opções relativamente independentes dos constrangimentos estruturais. É o caso do

A sociedade civil, em Gramsci, é constrangida e regulada pelos níveis sistêmicos (mercado, Estado), mas é também um espaço onde essas regulações e constrangimentos podem ser questionados, gerando um campo para a transformação dos padrões sistêmicos que a regulam. Não fosse assim, as estruturas se manteriam eternamente. Mas elas não se transformam por si, mas apenas em função dos indivíduos que orquestram suas ações em larga medida a partir da sociedade civil<sup>35</sup>.

Esse primeiro momento de transformação destacado por Gramsci, ou seja, da alteração do comportamento e pensamento dos indivíduos na sociedade civil tem sido feito pelas ONGs. Mas elas não percebem que essas atitudes e pensamentos individuais são derivados não só das opções pessoais, mas também de constrangimentos estruturais.

A crise ambiental, progressivamente, vem sendo vista nos últimos trinta anos como um problema para mais e mais pessoas e, portanto, algo que precisa ser resolvido. Paralelamente, a sociedade civil passa a organizar-se em grupos de pressão, as chamadas organizações não-governamentais ambientalistas, a fim de propor soluções para degradação ambiental e, deste modo, atuar efetivamente no interior da sociedade capitalista em busca, principalmente, da melhoria da qualidade de vida no planeta.

No Brasil a existência de um número significativo de entidades ambientalistas é relativamente recente. O Cadastro Nacional das Instituições

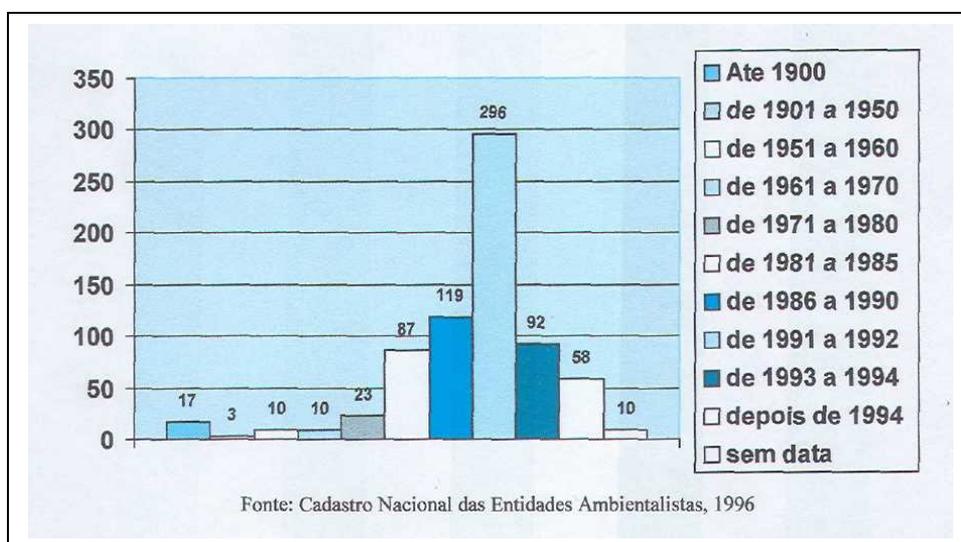
---

pequeno campesinato apoiando Bonaparte, na primeira obra, e os capitalistas 'serrando o galho sobre o qual estão sentados", na segunda.

<sup>35</sup>Para esse debate sobre a sociedade civil no marxismo, baseamo-nos, em especial, em BOBBIO, Norberto. *Sobre o conceito de sociedade civil*. São Paulo: Paz e Terra, 1999 e FAVERSANI, Fábio.

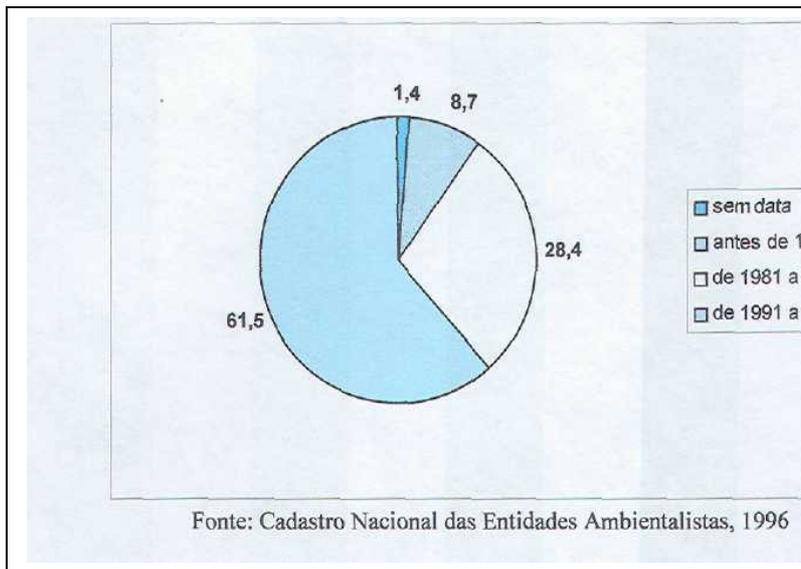
Ambientalistas, a Ecolista, realizado durante o ano de 1996, traz um levantamento sobre a data de fundação destas (Gráfico 1), e como podemos observar no gráfico II, a seguir, apenas 8,7% das 725 instituições cadastradas tinham sido criadas antes de 1981. Os cinco anos anteriores à publicação respondem sozinhos por 61,5% das fundações, ou seja, a maioria delas. Se tomarmos o período de 15 anos anteriores à publicação esse número se torna bastante expressivo: 89,9%.

**Gráfico I: Fundação das ONGs Ambientalist**

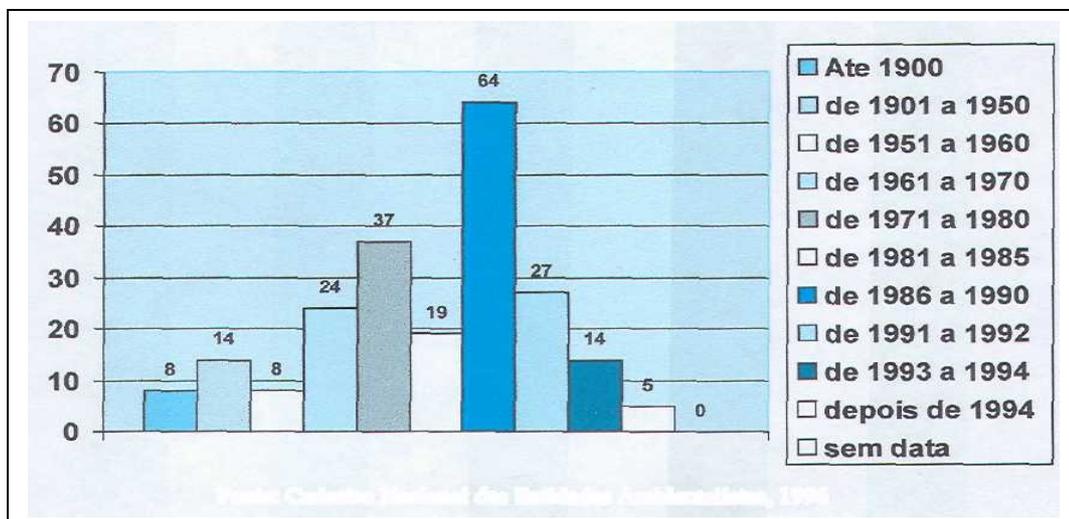


*A sociedade civil em Sêneca.* São Paulo: FFLCH-USP, 2001. (Tese de doutorado em História Econômica).

**Gráfico II: Distribuição percentual da fundação das ONGs Ambientalistas**



**Gráfico III - Fundação de entidades ambientalistas governamentais**



Quando lemos o Gráfico III, acima, notamos que as entidades governamentais foram fundadas sem uma concentração maior em um período recente. O pico de fundações está no período 1986-1990, ou seja, coincide com o

início do processo de redemocratização, exatamente quando a sociedade civil pressionou fortemente o Estado no sentido do atendimento de novas demandas. Nota-se também que apenas nos períodos em que o país viveu ditaduras o número de fundação de entidades governamentais superou o de não-governamentais. Assim, há uma clara coincidência entre o fortalecimento do Estado e a inibição de iniciativas no campo da sociedade civil.

Em conclusão, pode-se perceber que a sociedade civil e o Estado estão relacionadas fortemente na história brasileira recente.

\*\*\*

Chama a atenção e merece destaque o fato de que apenas recentemente houve uma retomada do conceito de sociedade civil por inúmeros pesquisadores. Tradicionalmente, as ciências humanas fizeram uso de instrumentos analíticos que privilegiassem a relação dos indivíduos com o mercado (conceito de classe) ou com o Estado (conceito de estamento). Por que, contudo, atentamos agora às interações sociais realizadas à margem do Estado e do mercado?

Para responder, será necessário lembrar que essa atenção tem se dirigido ao problema desde a década de oitenta, quando:

1. Percebe-se o esgotamento das formas de organização política baseados na tradição marxista com a consequente reavaliação da proposição marxista de fusão entre Estado e mercado.

2. Dá-se o fortalecimento, nos países centrais do ocidente, da crítica ao desempenho do Estado de bem-estar social, através do reconhecimento de que

as formas estatais de implementação de políticas de bem-estar não são eficientes. Associada à crítica teórica ao desempenho do estado de bem-estar social, surgiram novas formas de ação identificadas com os chamados novos movimentos sociais, que centram a sua estratégia, não na demanda de ação estatal, e sim na proposição de que o Estado respeite a autonomia de determinadas arenas societárias.

3. Tem-se os processos de democratização em curso na América Latina e na Europa do Leste. No decorrer desses processos atores sociais e políticos identificaram a sua ação como parte da reação da sociedade civil ao Estado.<sup>36</sup>

Todo esse novo quadro colocou importantes questões aos diversos agentes sociais. Boa parte delas pressupõe uma adequada compreensão da noção de sociedade civil.

No caso brasileiro, como vimos, a democratização significou uma emergência da sociedade civil que procurou, em um primeiro momento, impor ao Estado o atendimento de novas demandas. Logo a seguir, contudo, cresce a crítica à capacidade do Estado em atender essas demandas e vemos um forte impulso na criação de ONGs.

Assim, os problemas ambientais não estão descolados de outras questões estruturais como as que envolvem o mercado e o Estado. Do mesmo modo, somos levados a crer que a solução dos problemas ambientais deve se dar no campo da sociedade civil, mas não exclusivamente nesse domínio, como apostam as ONGs ambientalistas.

---

<sup>36</sup> Cf. FAVERSANI, Fábio. *A sociedade civil em Sêneca*. São Paulo: FFLCH-USP, 2001. (Tese de doutorado em História Econômica).

Visto esse aspecto mais geral das ONGs, passaremos a analisar a atuação de duas delas como exemplo.

## CAPITULO 4

### **A atuação das ONGs Ambientalistas no Brasil**

O critério utilizado para a escolha das duas ONGs ambientalistas a serem analisadas foi a existência de relações destas com outras entidades ambientalistas internacionais sendo que, como poderemos observar adiante, as ONGs analisadas têm vínculos estratégicos<sup>37</sup> com congêneres que têm sede em outros países, o que facilita a construção de uma visão mais panorâmica acerca da atuação política das mesmas em um cenário mundial.

O processo de seleção foi dificultado por haver um único material publicado contendo a listagem das entidades ambientalistas, a Ecolista, que traz informações extremamente resumidas. Para que a análise fosse criteriosa, impôs-se um demorado processo de seleção inicial das ONGs que poderiam ser objeto de estudo.

Fez-se necessário estabelecer contato direto com várias delas para obter informações mais detalhadas do que aquelas que encontramos na Ecolista sobre sua área de atuação e ligações com outras entidades em nível internacional. Em um segundo momento, realizamos uma seleção entre aquelas que apresentaram

---

<sup>37</sup> Consideramos esses vínculos estratégicos por serem concebidos como fundamentais à atuação das ONGs pesquisadas, mesmo quando sua área de atuação se limita ao Brasil.

uma boa receptividade para colaborar com a pesquisa. Criado o elenco de ONGs, enviamos um questionário a fim de obter informações sobre questões de interesse específico de nossa pesquisa.

A base teórica utilizada para analisar a atuação política das ONGs foi a tipologia do pensamento ambientalista elaborada por Guillermo Foladori<sup>38</sup>, renomado especialista no assunto. No entanto, é importante estar atento ao fato de que toda tipologia é um modelo que acaba por enquadrar, classificar e simplificar perspectivas distintas. O parâmetro de classificação não é rígido, muitas posturas se cruzam em determinados pontos.

Assim, o questionário foi composto por dois tipos de variáveis. Um primeiro bloco visou medir o enquadramento das ONGs na tipologia proposta por Foladori. O segundo bloco buscou informações sobre a atuação específica de cada ONG no que se refere ao espectro de nossa pesquisa. Reproduzimos, abaixo, o questionário enviado:<sup>39</sup>

---

<sup>38</sup> Professor visitante do Programa de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, Brasil.

<sup>39</sup> Os questionários respondidos estão em anexo.

## Questionário

Inicialmente, gostaríamos que o respondente fornecesse alguns dados de identificação:

Nome da entidade que representa: \_\_\_\_\_

Nome do respondente: \_\_\_\_\_

Posição que ocupa na entidade: \_\_\_\_\_

Tempo de vínculo com a entidade: \_\_\_\_\_ (em anos).

Telefone de contato: \_\_\_\_\_.

A seguir listamos uma série de fatores, ações e projetos que têm relação com a crise ambiental contemporânea. Solicitamos que assinale a quadricula que melhor corresponde, na perspectiva de sua entidade, à relação de cada índice com a crise ambiental. Os critérios de avaliação são os seguintes: reduz em muito a crise ambiental; reduz pouco a crise ambiental; não tem relação com a crise ambiental; aprofunda um pouco a crise ambiental; aprofunda muito a crise ambiental.

Fatores de Crise Ambiental	Reduz muito a crise ambiental	Reduz pouco a crise ambiental	Não tem relação com a crise ambiental	Aumenta pouco a crise ambiental	Aumenta muito a crise ambiental
----------------------------	-------------------------------	-------------------------------	---------------------------------------	---------------------------------	---------------------------------

Desenvolvimento tecnológico e industrial, em geral					
Uso de recursos não-renováveis					
Grande crescimento populacional					
Relações sociais capitalistas					
Ética Antropocêntrica					
Produção e consumo ilimitados					
Falta de participação estatal					
Livre mercado					

Alto índice de pobreza e miséria mundial					
--	--	--	--	--	--

<b>Alternativas para a superação da Crise Ambiental</b>	<b>Reduz muito a crise ambiental</b>	<b>Reduz pouco a crise ambiental</b>	<b>Não tem relação com a crise ambiental</b>	<b>Aumenta pouco a crise ambiental</b>	<b>Aumenta muito a crise ambiental</b>
Tecnologias de pequena escala					
Limitação do crescimento populacional					
Subordinação da sociedade humana às leis da natureza					
Ações individuais em direção a um padrão de vida e consumo diferentes					
Controle da economia pelo estado					

Livre mercado sem participação estatal					
Tecnologias limpas ou verdes					
Orientação energética em direção ao uso de recursos renováveis					
Retorno à natureza selvagem					
Comunidades autosuficientes					
Mudança das relações capitalistas de produção					
Revolução socialista					
Frear o desenvolvimento tecnológico e econômico					
Desenvolver-se mantendo as características essenciais do habitat natural					

Redução significativa dos níveis de pobreza					
---	--	--	--	--	--

<b>Ações que possibilitariam o desenvolvimento de uma consciência ambiental</b>	<b>Reduz muito a crise ambiental</b>	<b>Reduz pouco a crise ambiental</b>	<b>Não tem relação com a crise ambiental</b>	<b>Aumenta pouco a crise ambiental</b>	<b>Aumenta muito a crise ambiental</b>
Promover passeios e visitas a parques e reservas naturais, possibilitando uma maior aproximação do homem com a natureza.					
Aumento do contato com comunidades tribais.					
Aprendizado de técnicas de agricultura.					
Melhor distribuição da renda mundial.					

Garantir que a população tenha acesso aos meios de comunicação de massa.					
Inserção de programas direcionados à educação ambiental nos meios de comunicação de massa.					
Aprender a reciclar e utilizar tecnologias de pequena escala					
O cidadão consciente atuaria dando exemplo de ações "ecologicamente corretas", tais como: não jogar lixo no chão, consumir produtos "verdes", participar de comitês e ong's ambientalistas, etc.					
Gerar fatos que se tomem notícias, como inviabilizar a movimentação de embarcações com material poluente, a fim de promover o debate e a conscientização.					

Ações em escala de relevância	Reduz muito a crise ambiental	Reduz pouco a crise ambiental	Não tem relação com a crise ambiental	Aumenta pouco a crise ambiental	Aumenta muito a crise ambiental
Articulação das ONG's mundialmente, de modo a definir os eixos principais pelos quais se devem guiar as ações em busca de uma sociedade justa e sustentável.					
Manter ações individuais e locais, considerando-se os problemas e necessidades da região onde se atua.					
Frear o processo de globalização.					
Ações isoladas em vários pontos do globo terrestre, com o tempo, acabariam por se disseminar, contagiando todo o					

planeta.					
Intervenção em agências internacionais, como ONU, entre outras, visando a construção de acordos de preservação e gestão ambiental.					
Atuar pressionando as empresas para que elas adotem políticas de desenvolvimento sustentável.					
Intervenção junto a parlamentos no sentido de aprovar leis ambientais.					

Agradecemos imensamente a sua contribuição. Pedimos o favor de remeter o questionário preenchido para [melissavivacqua@bol.com.br](mailto:melissavivacqua@bol.com.br) ou para endereço físico: Melissa Vivacqua. A/C Prof. Dr. Fábio Faversoni. DEH1S-ICHS-UFOP. Rua do Seminário, s/n. Mariana - MG. CEP: 35420-000. Em breve, estaremos lhe enviando cópia da Monografia com os resultados de nossa pesquisa.

Iniciaremos analisando a atuação do "Mater Natura - Instituto de Estudos Ambientistas" sob uma perspectiva ética<sup>40</sup>. A entidade aponta a ética antropocêntrica - extremamente arraigada na cultura moderna - como um fator de aprofundamento da crise ambiental contemporânea, acreditando na necessidade de mudança em direção a uma sociedade alicerçada em valores ecocêntricos, que atribui valor intrínseco a todos os seres vivos, e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida. No entanto, podemos observar que a crítica à ética antropocêntrica figura-se, de certa maneira, apenas na teoria, não sendo, muitas vezes, devidamente contemplada nos projetos e atividades desenvolvidos pela ONG.

Para o Mater Natura a sustentabilidade da vida no planeta seria assegurada principalmente pelo uso de recursos renováveis, utilização de tecnologia "limpa" ou "verde", e pelo desenvolvimento de ações individuais em direção a um padrão de vida e consumo diferentes, o que a aproxima do pensamento ecologista verde<sup>41</sup>. Nas respostas dadas ao questionário, delinea-se a perspectiva de criação de uma nova consciência individual, fundamental para se alcançar a sustentabilidade, de modo a possibilitar a formação de grupos de pressão dentro da própria sociedade civil. Dessa maneira, a ONG analisada desenvolve projetos

---

<sup>40</sup> A tipologia do Movimento Ambientalista proposta por Guillermo Foladori (s/d.) tem como ponto de partida a ética antropocêntrica e ecocêntrica.

<sup>41</sup> Como aponta Guillermo Foladori, a base fundamental do pensamento ecologista verde pode ser sintetizada pela inter-relação de quatro características principais: "1) el punto de partida ético, que otorga valor intrínseco a la naturaleza; 2) la utilización de la ecología como ciencia que explica las relaciones entre la sociedad y la naturaleza; 3) la concepción de que existen límites físicos al desarrollo humano, y, 4) la confianza en el individualismo liberal como instrumento para transformar la sociedad." (FOLADORI, Guillermo. "El pensamiento ambientalista y sus referencias científicas". Curitiba: datioscrito, s/d. p.12).

que visam oferecer subsídios para que a sociedade em geral adquira condições de discutir e atuar frente aos problemas ambientais.

A crítica à produção e ao consumo ilimitados como causas representativas da crise ambiental está relacionada com a ideia de finitude dos recursos naturais no planeta Terra e com a limitada capacidade de assimilação natural dos resíduos gerados pela atividade humana. A própria natureza impõe os limites para o crescimento da produção e da população mundial. O crescimento populacional mundial também é considerado um fator que provoca o aumento da crise ambiental, porém, ações no sentido de diminuir o crescimento populacional demonstram-se insuficientes se desenvolvidas de maneira isolada.

A utilização de tecnologias "limpas" é apontada como alternativa para resolver o problema da poluição e geração excessiva de resíduos. No entanto, há poucas ações efetivas no sentido de diminuir o consumo e produção excessivos. Ao invés disso, a atuação da ONG é direcionada no sentido de pressionar as empresas e indústrias a substituir os artigos produzidos por processos poluidores por produtos novos, "ecologicamente corretos" - utilizando-se a reciclagem e recursos renováveis. Tais produtos são fabricados segundo a política do desenvolvimento sustentável, que busca minimizar os impactos ambientais gerados pelas atividades humanas a fim de garantir qualidade de vida para as gerações presente e futura. A população, por sua vez, começa a se conscientizar, através de projetos de educação ambiental, da importância de se consumir esses produtos. São os chamados consumidores "verdes".

A intervenção em agências internacionais, como a ONU, visando a construção de acordos de preservação e gestão ambiental é uma outra maneira,

apontada pelo Mater Natura, de atuar no sentido de minimizar a crise ambiental. A entidade também atribui grande importância à articulação mundial das ONGs ambientalistas em busca da definição de eixos de ação em comum e, ao mesmo tempo, propõe ações individuais e locais, considerando-se as especificidades de cada região. Isso se deve ao reconhecimento da necessidade de manter relações internacionais na era da globalização e a impossibilidade de resolver a problemática ambiental isoladamente. No entanto, o processo de globalização, ou seja, a expansão do sistema capitalista e de sua lógica de produção, não é visto pelo Mater Natura como um fenômeno a ser combatido. Para essa ONG, a globalização, bem como o livre mercado exercem pouca influência sobre a degradação ambiental.

A entidade considera as relações capitalistas de produção como um fator moderado de aprofundamento da crise ambiental e, que a mudança das relações capitalistas de produção seria uma alternativa para a superação da mesma. Mas nada é proposto com o intuito de provocar abalos na estrutura do sistema capitalista.

Para compreender melhor essa postura, precisamos destacar dois aspectos. O primeiro é que, para a grande maioria das pessoas, socialismo corresponde ao chamado "socialismo real" e não àquele proposto por Marx em suas obras. A avaliação do socialismo, nesses termos, só pode ser negativa. Tal sistema se fez tão ou mais nocivo ao meio ambiente quanto o capitalismo<sup>42</sup>. O segundo aspecto é menos óbvio. Para examiná-lo é preciso retomar o que foi

---

<sup>42</sup> Por isso que, no caso dos verdes, há uma aproximação entre capitalismo e socialismo, sendo que sua proposta seria uma alternativa aos dois sistemas, cf. FOLADORI, Guillermo. p.11.

apontado no terceiro capítulo. Vimos que com o fracasso do socialismo no leste europeu, houve uma descrença na capacidade do Estado em administrar as questões de interesse público. Daí decorre o fato da ONG superestimar as ações no âmbito da sociedade civil, subvalorizando o papel do Estado. Cabe aos indivíduos promover mudanças no interior da sociedade através de projetos direcionados à educação ambiental, formando cidadãos conscientes e ativos, capazes de perceber melhor o mundo em que vivem. Deste modo, o Estado e o mercado seriam levados a agir de acordo com as novas mudanças conquistadas pela sociedade civil.

A teoria marxista, por essas razões, é deixada de lado no momento de análise das contradições capitalistas. Ao identificar a Revolução Socialista como um fator de aprofundamento da crise ambiental, o Mater Natura acaba por subestimar a importância do marxismo para a compreensão da problemática ambiental.

A segunda ONG a ser analisada, a Conservation International -- Brasil, possui posturas similares ao Mater Natura. No entanto, é importante analisar as respostas dadas para o questionário por essa ONG, uma vez que alguns pontos são fundamentais para se compreender que, apesar da diversidade do movimento ambientalista, há uma tendência em superficializar a análise do sistema capitalista, propondo-se soluções paliativas e/ou reformistas à crise ambiental.

Tal como o Mater Natura, a Conservation International critica a ética antropocêntrica. Sua postura vai ao encontro do pensamento ecologista verde, definindo os seguintes eixos principais pelos quais a sociedade deve guiar-se a fim de garantir a perpetuação da vida no planeta: uso de recursos renováveis,

utilização de tecnologia limpa ou verde, e desenvolvimento de ações individuais em direção a um padrão de vida e consumo diferentes.

A presença das leis da ecologia como guia para o comportamento humano é mais explícita nesta ONG. Seu campo de atuação centraliza-se especialmente em projetos que visam conservar a biodiversidade, procurando demonstrar que a sociedade humana pode alcançar a sustentabilidade ecológica e viver em harmonia com a natureza. A perda de espécies existentes na Tenra é, então, o principal problema que está sendo combatido pela Conservation International. Uma maneira de possibilitar essa aproximação do homem com a natureza e despertar uma consciência ambiental, segundo a ONG, é promover visitas e passeios a parques e reservas naturais, locais onde o ser humano pode se "redescobrir" através do contato físico com a natureza. Ela considera que uma melhor distribuição da renda mundial não implica necessariamente em benefícios à biodiversidade, de modo que, para se alcançar de fato resultados positivos, é fundamental a promoção de ações educacionais eficientes.

O desenvolvimento tecnológico é apontado como um aliado no combate à crise ambiental e ao industrialismo irracional, devido às possibilidades de se desenvolver novas técnicas menos prejudiciais a biodiversidade, como é o caso das tecnologias "limpas" ou "verdes". As tecnologias de pequena escala também se apresentam como um fator importante para a redução da crise ambiental. Porém, sua utilização é proposta somente em uma determinada perspectiva, ou seja, a do desenvolvimento sustentável. Esse desenvolvimento tecnológico é bem vindo. Por outro lado, a ONG considera que o desenvolvimento tecnológico que se preocupa apenas em gerar melhores resultados econômicos deve ser controlado.

Ao contrário do que se observa em determinadas vertentes do movimento ambientalista, há uma matização na leitura do significado ambiental do desenvolvimento tecnológico.

A Conservation International se afasta dos "tecnocentristas comucopianos"<sup>43</sup>, que defendem que todo desenvolvimento tecnológico é positivo, e dos militantes da "ecologia profunda", que avaliam que todo desenvolvimento tecnológico é ambientalmente pernicioso. Essa ONG busca uma alternativa de compromisso entre esses dois extremos, adotando, assim, uma postura conservacionista. Como assinalaram no questionário, o desenvolvimento deve permitir a manutenção das características essenciais do habitat natural.

Para a ONG analisada, o desenvolvimento tecnológico pode servir à causa ambiental tanto quanto ser degradante. Cabe aos ambientalistas lutar por um desenvolvimento tecnológico que leve em conta as causas ambientais e não apenas os benefícios para uns poucos que lucrariam às custas da exploração de tecnologias "sujas". Nesse sentido, a entidade também considera importante o aprendizado de técnicas sustentáveis de agricultura a fim de sanar a degradação ambiental causada pelo uso de fertilizantes e agrotóxicos no campo.

Apostando no poder de produzir mudanças a partir de pressões da sociedade civil, a entidade atribui grande importância à atuação consciente de cada cidadão em seu dia-a-dia. Através do exemplo de ações "ecologicamente corretas", como jogar o papel no lixo, consumir produtos verdes; o indivíduo estaria dando sua contribuição para multiplicar o número de pessoas engajadas

---

<sup>13</sup> Consultar o quadro Tipologia do Movimento Ambientalista em anexo.

na luta ambiental. Outro ponto importante para a promoção de uma consciência ambiental é a inserção de programas de educação ambiental nos meios de comunicação de massa, garantindo que a população tenha acesso a eles, bem como gerar fatos que se tornem notícia, tais como vetar a movimentação de embarcações que transportam material poluente.

Diferentemente do Mater Natura, a Conservation International assinala que o livre mercado, o controle da economia pelo Estado e a Revolução Socialista não têm relação com a crise ambiental. Isto vem a ilustrar sua posição frente à resolução da problemática ambiental: as mudanças em direção a uma sociedade sustentável não se concretizarão com a revolução, e sim, com a atuação consciente da sociedade civil. Por isso, a intervenção mais geral a partir da sociedade civil deve se consubstanciar em alterações da ordem internacional capitalista. O meio encontrado para se alcançar essas mudanças são ações internacionais — articulação com outras ONGs, acordos ambientais internacionais — e, especificamente, para a Conservation International, atuação junto aos parlamentos.

Enfim, ambas as ONGs apostam na mesma estratégia de ganhar a sociedade civil, que, promovendo pressões crescentes, reformarão a ordem capitalista internacional, produzindo uma nova institucionalidade centrada na preservação ambiental em detrimento da exploração irracional dos recursos naturais. Tal luta não encerraria uma oposição de classes irreconciliável, uma vez que, em última instância a destruição da natureza prejudica a todos igualmente.

## CONCLUSÃO

O movimento ambientalista se apresenta como contestador de determinados danos provocados pelo capitalismo. O marxismo foi a fonte de contestações ao capitalismo as mais diversas. No entanto, como se observa ao longo da pesquisa, a apropriação da teoria marxista pelas ONGs analisadas é inexistente, de modo que as críticas aos efeitos nocivos do sistema capitalista delineiam-se de maneira superficial, e muitas vezes, até mesmo ingênua.

O divórcio entre o ambientalismo e o marxismo decorre, principalmente, da experiência do socialismo real: sistema revestido pelo autoritarismo e pela castração das liberdades individuais, uma verdadeira distorção da teoria marxista. Revela-se tão poluente — ou até mais — quanto o capitalismo, porém, apresentando um agravante: com a implantação do Estado autoritário o espaço de expressão/atuação da sociedade civil é drasticamente comprimido, deslocando, assim, o cenário de articulação das mudanças.

A reflexão do ambientalismo sobre os danos ambientais advindos com o desenvolvimento do capitalismo acaba por identificar somente alguns pontos isolados da lógica devastadora do sistema vigente, sem que haja, de fato, uma inter-relação entre esses fatores. Existe um certo consenso no interior movimento ambientalista de que a devastação ambiental pode ser minimizada ou até mesmo suprimida através do desenvolvimento sustentável, reconciliando desenvolvimento e preservação da natureza. Porém, perde-se de vista a própria lógica do sistema

capitalista, que, fundada na busca do lucro ilimitado, ignora a crescente necessidade de conservação dos recursos naturais.

As transformações socioambientais promovidas pela sociedade civil se mostram insuficientes na prática. Os avanços conquistados pelos ambientalistas não acompanham o ritmo crescente da devastação produzida pelo capitalismo. Os danos causados pela apropriação irracional do meio ambiente avançam tão rapidamente, que superam as ações desenvolvidas com o intuito de conter tamanha devastação global. Essa falta de valorização de outros campos da organização social, como o Estado e o mercado, impede uma articulação eficiente entre os mais diversos agentes sociais, limitando, assim o poder de atuação do ambientalismo.

A adoção de uma política de preservação/conservação dos recursos naturais é, desse modo, revestida por limites intrínsecos ao próprio sistema capitalista. As esperanças de uma transformação exclusivamente construída pela sociedade civil se mostram frustradas pela experiência recente, como demonstramos anteriormente. Em alguns casos, essas esperanças são detidas pelo fato de os Estados capitalistas centrais não anuírem com os esforços preservacionistas/conservacionistas em função de seus interesses (*e.g.* protocolo de Kyoto). Em outros casos, são frustradas pela lógica do mercado. As barreiras preservacionistas/conservacionistas em um local se fazem estímulo para a transferência de atividades poluidoras para outras áreas do globo, antes que sua supressão (*e.g.* atividade de empresas transnacionais em países periféricos).

Frente a esses fatos, parece-nos ser inelutável a necessidade de uma reflexão sobre esses limites. Para tal crítica, o marxismo seria uma grande

contribuição, haja à vista que se trata da mais relevante crítica estruturada ao sistema capitalista. O divórcio entre marxismo e ambientalismo, em alguma medida, vem em prejuízo de uma luta comum: a construção de uma sociedade mais justa em que a auto-realização humana se faça uma realidade para todos. Marxismo e ambientalismo são tradições diferentes, mas estão longe de serem irreconciliáveis.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- APEL, Karl Otto. *Estudos de Moral Moderna*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar. a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BOBBIO, Norberto. *Ensaio sobre Gramsci e o conceito de sociedade civil*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COGGIOLA, Osvaldo. *Introdução à teoria econômica marxista*. São Paulo: Viamundo, 1998.
- COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Manifesto comunista: Ontem e Hoje*. São Paulo: Xamã, 1999.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- ENGELS, Friedrich. *A dialética da natureza*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FOLADORI, Guillermo. "El pensamiento ambientalista y sus referencias científicas". Curitiba: datiloscrito, s/d. 47 p.
- FOLADORI, Guillermo. "Entre a complexidade e a dialética da natureza. Voltando as pegadas de Engels". datiloscrito, s/d. 7 p.
- FOLADORI, Guillermo. "La cuestión ambiental en Marx". datiloscrito, s/d. 21 p.
- FOLADORI, Guillermo. "Marxismo e Meio Ambiente". Comunicação apresentada no *Encontro Latino-americano de Revistas Marxistas* (Seminário Internacional). Florianópolis, SC. 1 a 4 de maio, 1977. Tradução do espanhol por Rinaldo de Barras.

- FOLADORI, G. TOMMASINO, H. "Technical and Social to Sustainability". Datiloscrito, s/d. 7 p.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Edunesp, 1991.
- GRUN, Mauro. *Ética e Educação Ambiental: A conexão necessária*. Campinas, São Paulo: Editora Papyrus, 1996. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- LEFEBVRE, Henri. *O Marxismo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1963.
- LEIS, Héctor Ricardo. *A Modernidade Insustentável: as críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea*. Petrópolis, RJ: Vozes; Santa Catarina: UFSC, 1999.
- LENIN.TROTSKI. *A Questão do Programa*. São Paulo: Kairós, 1979.
- LORA, Guillermo. *Revolución y Foquismo*, Buenos Aires: El Yunque, 1975.
- MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Coleção: Clássicos do Pensamento Político. Editora Vozes. Petrópolis, 1988.
- MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. "Manifesto do Partido Comunista". In: COUTINHO, Carlos Nelson *et alii*. *O Manifesto Comunista 150 anos depois*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.
- MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Lisboa: Editorial Avante!, 1975.
- MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *La ideologia alemana*. Barcelona: Grijalbo, 1970.
- MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *Sobre a literatura e a arte*. São Paulo: Global Editora, 1986.

- MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. O Capital: Crítica da Economia Política, Livro I: O processo de produção do capital. Rio de Janeiro: DIFEL, 1982.
- MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. O Capital: Crítica da Economia Política, Livro II: O processo de produção do capital. Rio de Janeiro: DIFEL, 1982.
- MATER NATURA - instituto de Estudos Ambientais. ECOLISTA – Cadastro Nacional de instituições Ambientais, 2º ed. rev. ampl., Curitiba: WWF, 1996.
- MILNE, Antony. *O Novo Dilúvio: população, poluição e clima futuro*. São Paulo: Editora Gaia, 1991.
- PANAYOTOU, Theodore. *Mercados Verdes: A Economia do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1994.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. "Ambtentalismo e desenvolvimento sustentado: nova ideologia/utopia do desenvolvimento". *Revista de Antropologia*. São Paulo: USP, nº34, 1991, p.59-101.
- RIDENTI, Marcelo. "O sucesso no Brasil da leitura do Manifesto Comunista feita por Marshall Berman". In: COUTINHO, Carlos Nelson *et alii*. *O Manifesto Comunista 150 anos depois*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.
- SANTANA, Marco Aurélio *et alii*. *Trabalho e educação*. Centrais sindicais e reestruturação produtiva no Brasil. Rio de Janeiro: Quartet, 1999. TOLEDO, Caio Navarro de (org.). *Ensaio sobre o Manifesto Comunista*. São Paulo: Xamã, 1998.
- TRAINER, Ted. *Desenvolvido para a morte: repensando o desenvolvimento do terceiro mundo*. São Paulo: Editora Gaia, 1991.

## **ANEXO I: QUESTIONÁRIO MATER NATURA**

## Questionário

Inicialmente, gostaríamos que o respondente fornecesse alguns dados de identificação:

Nome da entidade que representa: **MATER NATURA - Instituto de Estudos Ambientais**

Nome do respondente: **Paulo Aparecido Pizzi**

Posição que ocupa na entidade: **Presidente**

Tempo de vínculo com a entidade: **17 anos.**

Telefone de contato: **(41) 225-7185**

A seguir listamos uma série de fatores, ações e projetos que tem relação com a crise ambiental contemporânea. Solicitamos que assinale a quadrícula que melhor corresponde, na perspectiva de sua entidade, à relação de cada índice com a crise ambiental. Os critérios de avaliação são os seguintes: reduz em muito a crise ambiental; reduz pouco a crise ambiental; não tem relação com a crise ambiental; aprofunda um pouco a crise ambiental; aprofunda muito a crise ambiental.

Fatores de Crise Ambiental	Reduz muito a crise ambiental	Reduz pouco a crise ambiental	Não tem relação com a crise ambiental	Aumenta pouco a crise ambiental	Aumenta muito a crise ambiental
Desenvolvimento tecnológico e industrial, em geral					X
Uso de recursos não-renováveis					X
Grande crescimento populacional					X
Relações sociais capitalistas					X
Ética Antropocêntrica					X
Produção e consumo ilimitados					X
Falta de participação estatal					X

Livre mercado				X	
Alto índice de pobreza e miséria mundial					

<b>Alternativas para a superação da Crise Ambiental</b>	<b>Reduz muito a crise ambiental</b>	<b>Reduz pouco a crise ambiental</b>	<b>Não tem relação com a crise ambiental</b>	<b>Aumenta pouco a crise ambiental</b>	<b>Aumenta muito a crise ambiental</b>
Tecnologias de pequena escala		X			
Limitação do crescimento populacional		X			
Subordinação da sociedade humana às leis da natureza		X			
Ações individuais em direção a um padrão de vida e consumo diferentes	X				

Controle da economia pelo estado		X			
Livre mercado sem participação estatal				X	
Tecnologias limpas ou verdes	X				
Orientação energética em direção ao uso de recursos renováveis	X				
Retorno à natureza selvagem		X			
Comunidades autosuficientes		X			
Mudança das relações capitalistas de produção	X				
Revolução socialista					X
Frear o desenvolvimento tecnológico e econômico		X			

Desenvolver-se mantendo as características essenciais do habitat natural	X				
Redução significativa dos níveis de pobreza		X			

<b>Ações que possibilitariam o desenvolvimento de uma consciência ambiental</b>	<b>Reduz muito a crise ambiental</b>	<b>Reduz pouco a crise ambiental</b>	<b>Não tem relação com a crise ambiental</b>	<b>Aumenta pouco a crise ambiental</b>	<b>Aumenta muito a crise ambiental</b>
Promover passeios e visitas a parques e reservas naturais, possibilitando uma maior aproximação do homem com a natureza.		X			
Aumento do contato com comunidades tribais.		X			
Aprendizado de técnicas de agricultura.		X			

Melhor distribuição da renda mundial.	X				
Garantir que a população tenha acesso aos meios de comunicação de massa.		X			
Inserção de programas direcionados à educação ambiental nos meios de comunicação de massa.		X			
Aprender a reciclar e utilizar tecnologias de pequena escala	X				
O cidadão consciente atuaria dando exemplo de ações "ecologicamente corretas", tais como: não jogar lixo no chão, consumir produtos "verdes", participar de comitês e ong's ambientalistas, etc.		X			
Gerar fatos que se tornem notícias, como inviabilizar a movimentação de embarcações com material poluente, a fim de	X				

promover o debate e a conscientização.					
--	--	--	--	--	--

Ações em escala de relevância	Reduz muito a crise ambiental	Reduz pouco a crise ambiental	Não tem relação com a crise ambiental	Aumenta pouco a crise ambiental	Aumenta muito a crise ambiental
Articulação das ONG's mundialmente, de modo a definir os eixos principais pelos quais se devem guiar as ações em busca de uma sociedade justa e sustentável.	X				
Manter ações individuais e locais, considerando-se os problemas e necessidades da região onde se atua.	X				
Frear o processo de globalização.		X			

Ações isoladas em vários pontos do globo terrestre, com o tempo, acabariam por se disseminar, contagiando todo o planeta.		X			
Intervenção em agências internacionais, como ONU, entre outras, visando a construção de acordos de preservação e gestão ambiental.	X				
Atuar pressionando as empresas para que elas adotem políticas de desenvolvimento sustentável.	X				
Intervenção junto a parlamentos no sentido de aprovar leis ambientais.		X			

Agradecemos imensamente a sua contribuição. Pedimos o favor de remeter o questionário preenchido para [melissavivacqua@bol.com.br](mailto:melissavivacqua@bol.com.br) ou para endereço físico: Melissa Vivacqua. A/C Prof. Dr. Fábio Faversoni. DEHIS-ICHS-

UFOP. Rua do Seminário, s/n. Mariana – MG. CEP: 35420-000. Em breve, estaremos lhe enviando com os resultados de nossa pesquisa.

## **ANEXO II: QUESTIONÁRIO CONSERVATION INTERNATIONAL — BRASIL**

### **Questionário**

Inicialmente, gostaríamos que o respondente fornecesse alguns dados de identificação:

Nome da entidade que representa: **Instituto Conservation International do Brasil**

Nome do respondente: **Luiz Paulo de Souza Pinto**

Posição que ocupa na entidade: **Diretor**

Tempo de vínculo com a entidade: **7 anos** (em anos).

Telefone de contato: **(31) 3261-3889**.

A seguir listamos uma série de fatores, ações e projetos que têm relação com a crise ambiental contemporânea. Solicitamos que assinale a quadrícula que melhor corresponde, na perspectiva de sua entidade, à relação de cada índice com a crise ambiental. Os critérios de avaliação são os seguintes: reduz em muito a crise ambiental; reduz pouco a crise ambiental; não tem relação com a crise ambiental; aprofunda um pouco a crise ambiental; aprofunda muito a crise ambiental.

Fatores de Crise Ambiental	Reduz muito a crise ambiental	Reduz pouco a crise ambiental	Não tem relação com a crise ambiental	Aumenta pouco a crise ambiental	Aumenta muito a crise ambiental
Desenvolvimento tecnológico e industrial, em geral <sup>1</sup>	X (DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO)				
Uso de recursos não-renováveis <sup>2</sup>					X
Grande crescimento populacional					X
Relações sociais capitalistas					X

<sup>1</sup> O Desenvolvimento Tecnológico pode ser um grande aliado, mas o desenvolvimento Industrial se não for racionalizado, pode trazer sérios problemas a biodiversidade.

<sup>2</sup> O uso racional dos recursos naturais pode ser menos danoso a biodiversidade. Entretanto, o uso irracional dos recursos naturais, prática comum na maioria dos países, pode ser um desastre para a conservação da biodiversidade.

Fatores de Crise Ambiental	Reduz muito a crise ambiental	Reduz pouco a crise ambiental	Não tem relação com a crise ambiental	Aumenta pouco a crise ambiental	Aumenta muito a crise ambiental
Ética Antropocêntrica					X
Produção e consumo ilimitados					X
Falta de participação estatal					X
Livre mercado			X		
Alto índice de pobreza e miséria mundial					X

Fatores de Crise Ambiental	Reduz muito a crise ambiental	Reduz pouco a crise ambiental	Não tem relação com a crise ambiental	Aumenta pouco a crise ambiental	Aumenta muito a crise ambiental
Tecnologias de pequena escala	X				
Limitação do crescimento populacional <sup>3</sup>		X			
Subordinação da sociedade humana às leis da natureza	X				
Ações individuais em direção a um padrão de vida e consumo diferentes	X				
Controle da economia pelo estado			X		
Livre mercado sem participação estatal			X		

<sup>3</sup> Essa medida não será eficaz se não vier agregada a medidas de controle do uso dos recursos naturais. Um processo educacional (formal e informal) amplo pode ser mais eficaz.

Fatores de Crise Ambiental	Reduz muito a crise ambiental	Reduz pouco a crise ambiental	Não tem relação com a crise ambiental	Aumenta pouco a crise ambiental	Aumenta muito a crise ambiental
Tecnologias limpas ou verdes	X				
Orientação energética em direção ao uso de recursos renováveis	X				
Retorno à natureza selvagem <sup>4</sup>					
Comunidades autosuficientes		X			
Mudança das relações capitalistas de produção <sup>5</sup>	X				
Revolução socialista			X		
Frear o desenvolvimento tecnológico e econômico		X			

<sup>4</sup> Impossível de acontecer e não resolveria os problemas de caráter social, econômico e ambiental, considerando a situação mundial atual.

<sup>5</sup> Ajuda a reduzir a crise ambiental se as mudanças forem no sentido de diminuir as diferenças entre os países ricos e pobres.

<b>Fatores de Crise Ambiental</b>	<b>Reduz muito a crise ambiental</b>	<b>Reduz pouco a crise ambiental</b>	<b>Não tem relação com a crise ambiental</b>	<b>Aumenta pouco a crise ambiental</b>	<b>Aumenta muito a crise ambiental</b>
Desenvolver-se mantendo as características essenciais do habitat natural	X				
Redução significativa dos níveis de pobreza	X				

<b>Ações que possibilitariam o desenvolvimento de uma consciência ambiental</b>	<b>Reduz muito a crise ambiental</b>	<b>Reduz pouco a crise ambiental</b>	<b>Não tem relação com a crise ambiental</b>	<b>Aumenta pouco a crise ambiental</b>	<b>Aumenta muito a crise ambiental</b>
Promover passeios e visitas a parques e reservas naturais, possibilitando uma maior aproximação do homem com a natureza.	X				
Aumento do contato com comunidades tribais.					X

Ações que possibilitariam o desenvolvimento de uma consciência ambiental	Reduz muito a crise ambiental	Reduz pouco a crise ambiental	Não tem relação com a crise ambiental	Aumenta pouco a crise ambiental	Aumenta muito a crise ambiental
Aprendizado de técnicas de agricultura <sup>6</sup> .					
Melhor distribuição da renda mundial. <sup>7</sup>		X			
Garantir que a população tenha acesso aos meios de comunicação de massa.		X			
Inserção de programas direcionados à educação ambiental nos meios de comunicação de massa.	X				
Aprender a reciclar e utilizar tecnologias de pequena escala	X				
O cidadão consciente atuaria	X				

<sup>6</sup> Depende das técnicas. Algumas técnicas podem contribuir para a minimização dos impactos sobre a biodiversidade e outras podem acelerar os impactos.

<sup>7</sup> Sem um programa educacional eficiente, a melhor distribuição de renda pode não refletir necessariamente em um meio ambiente mais saudável.

<b>Ações que possibilitariam o desenvolvimento de uma consciência ambiental</b>	<b>Reduz muito a crise ambiental</b>	<b>Reduz pouco a crise ambiental</b>	<b>Não tem relação com a crise ambiental</b>	<b>Aumenta pouco a crise ambiental</b>	<b>Aumenta muito a crise ambiental</b>
dando exemplo de ações "ecologicamente corretas", tais como: não jogar lixo no chão, consumir produtos "verdes", participar de comitês e ONG's ambientalistas, etc.					
Gerar fatos que se tornem notícias, como inviabilizar a movimentação de embarcações com material poluente, a fim de promover o debate e a conscientização.	X				

<b>Ações em escala de relevância</b>	<b>Reduz muito a crise ambiental</b>	<b>Reduz pouco a crise ambiental</b>	<b>Não tem relação com a crise ambiental</b>	<b>Aumenta pouco a crise ambiental</b>	<b>Aumenta muito a crise ambiental</b>
Articulação das ONG's mundialmente, de modo a definir os eixos principais pelos quais se devem guiar as ações	X				

Ações em escala de relevância	Reduz muito a crise ambiental	Reduz pouco a crise ambiental	Não tem relação com a crise ambiental	Aumenta pouco a crise ambiental	Aumenta muito a crise ambiental
em busca de uma sociedade justa e sustentável.					
Manter ações individuais e locais, considerando-se os problemas e necessidades da região onde se atua.	X				
Frear o processo de globalização.		X			
Ações isoladas em vários pontos do globo terrestre, com o tempo, acabariam por se disseminar, contagiando todo o planeta.		X			
Intervenção em agências internacionais, como ONU, entre outras, visando a construção de acordos de preservação e gestão ambiental.	X				

Ações em escala de relevância	Reduz muito a crise ambiental	Reduz pouco a crise ambiental	Não tem relação com a crise ambiental	Aumenta pouco a crise ambiental	Aumenta muito a crise ambiental
Atuar pressionando as empresas para que elas adotem políticas de desenvolvimento sustentável.	X				
Intervenção junto a parlamentos no sentido de aprovar leis ambientais.	X				

Agradecemos imensamente a sua contribuição. Pedimos o favor de remeter o questionário preenchido para [melissavivacqua@bol.com.br](mailto:melissavivacqua@bol.com.br) ou para endereço físico: Melissa Vivacqua. A/C Prof. Dr. Fábio Faversoni. DEHIS-ICHS-UFOP. Rua do Seminário, s/n. Mariana – MG. CEP: 35420-000. Em breve, estaremos lhe enviando cópia da Monografia com os resultados de nossa pesquisa.

## **ANEXO III: QUADRO TPOLOGIA DO MOVIMENTO AMBIENTALISTA**

TIPOLOGIA DO PENSAMENTO AMBIENTALISTA

Ponto de partida Ético	Tipo	Autores	Causas da crise ambiental	Alternativa para a "sustentabilidade"	
Ecocentristas	Ecologia profunda	Naess, N., 1973 "The shallow and the deep, long-range ecology movement. A summary". <i>Inquiry</i> . vol.16	Ética antropocêntrica e desenvolvimento industrial	Igualitarismo biosférico Freiar o crescimento material e populacional Tecnologias de pequena escala	
	Verdes	1. <i>Neomalthusianos</i> . Ehrlich, P. Holdren, J., 1971 "Impact of population growth" <i>Science</i> , Vol. 171. 2. " <i>mainstream</i> ". Commoner, Barry 1972 <i>The Closing Circle</i> . Knopf. New York. Porrit, J, 1986 <i>Seeing Green</i> . Blackwell. Oxford.	Crescimento populacional e produção ilimitada e orientada a bens supérfluos.  Uso de recursos não renováveis	Freiar o crescimento populacional  Contra artigos suntuosos. Tecnologias limpas. Controle estatal Orientação energética em direção ao uso de recursos renováveis	
Antropocentristas	Tecnocentristas	Ambientalismo moderado	Pearce, D. y Turner, R., 1995 <i>Economía de los recursos naturales y del medio ambiente</i> . Celeste Ediciones. Madrid.	Políticas erradas, desconhecimento, falta de participação estatal	Políticas econômicas e instrumentos para <i>corrigir</i> o mercado. Tecnologias limpas ou verdes
		Cornucopianos	Simon, Julian; Kahn, Herman (ed.), 1984 <i>The Resourceful Earth. A Response to Global 2000</i> . Basil Blackwell. New York.	Não há crise ambiental	Livre mercado sem participação estatal. Não há restrições à tecnologia, "o mercado se encarrega"
	Marxistas	Enzensberger, Hans M., 1974 "A Critique of Political Ecology". <i>New Left Review</i> No. 84	Da crise contemporânea: relações sociais capitalistas (existem causas genéricas à sociedade humana)	Mudança das relações capitalistas de produção. Meios de produção controlados pelos trabalhadores.	

Fonte: FOLADORI, Guillermo. "El pensamiento ambientalista y sus referencias científicas". Curitiba: datiloscrito, s/d. p.8.